

Temos o prazer de apresentar o primeiro volume dos três que serão publicados a partir deste ano, que contam agora com versões integrais dos textos em português e inglês. O presente volume reúne trabalhos que versam sobre a metodologia utilizada na coleta de dados geolinguísticos, especificamente iniciada pela coleta de dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, com ênfase nas dificuldades que os inquiridores de um atlas encontram, muitas vezes, no registro de algumas respostas e as estratégias adotadas para a obtenção de respostas válidas.

O volume, que está sob a égide da “metodologia alibiana”, surgiu da necessidade de dialogar sobre a eficácia dos instrumentos de pesquisa e das estratégias para promover o retorno das discussões à comunidade acadêmica. Em síntese, trata-se de análises das contribuições de mais de uma década de coleta dos dados feita pela equipe do projeto nos 250 pontos de inquérito distribuídos pelo território brasileiro. As peculiaridades de cada região e a forma de reformular as questões foram o cerne deste volume. É certo que estes não são os primeiros trabalhos sobre a metodologia de um atlas, nem tampouco do ALiB. Com o passar dos anos e com o andamento da pesquisa de campo, muito já se escreveu e veiculou sobre o assunto.

Este volume vem se somar aos outros trabalhos já publicados, ratificando ou ratificando as convicções veiculadas na academia. Dessa forma, foram trabalhados temas pertinentes à recolha de dados fonéticos e lexicais, como nos artigos que abordam a coleta de dados para as perguntas 32 (abóbora), 54 (aftosa), 102 (questão) e 138 (doido) e 41 (que investiga os nomes para camomila) nos inquéritos do ALiB, especificamente, e a seleção de algumas questões da recolha de dados do atlas de Alagoas. Como consequência da reflexão sobre a ação empírica da entrevista, o volume contempla um artigo que aborda a metodologia de coleta de dados discutindo sobre o assunto e apontando caminhos para nortear novos trabalhos na área. Por fim, a consequência natural de um trabalho científico que sempre culminará em outros trabalhos, que representarão novos desafios dialetológicos. Vamos aos textos.

De acordo com a sequência apresentada acima, o primeiro texto, *Reinterpretando vazios dialetológicos no Norte do Brasil*, de Marilúcia Barros Oliveira, Celiane Sousa Costa e Flávia Helena da Silva Passo, discute sobre questões que não são facilmente respondidas quando da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e do Questionário Semântico-Lexical (QSL), respectivamente as questões de número 32 (abóbora) e 41 (camomila). Para tanto, as autoras se detêm na descrição e reflexão das possibilidades de obtenção do item-alvo da questão *abóbora* (na investigação da manutenção da proparoxítone) e nas variantes para a flor branca de miolo amarelo que serve para fazer chá, normalmente

para bebês, em que se registram camomila, maçanilha e macela, entre outras variantes pelo território nacional.

O artigo *Estratégias para a obtenção de respostas nos inquéritos do ALiB: a questão 054 (aftosa) nas capitais do Centro-Oeste e Sudeste*, assinado por Vanessa Yida, Myriam Rossi Sleiman Gholmie e Celciane Alves Vasconcelos, descreve as estratégias utilizadas pelos inquiridores do Atlas Linguístico do Brasil na reformulação da questão 054 do Questionário Fonético-Fonológico – com vistas à obtenção da resposta *aftosa* – em entrevistas realizadas nas capitais das Regiões Centro-Oeste e Sudeste. As autoras discutem sobre a obtenção do léxico em questão e a difícil associação mental que o informante precisa fazer para lembrar-se dessa doença, nem sempre presente na vida urbana, mesmo em regiões com economias tipicamente rurais, como é o caso do Centro-Oeste. O contraponto com o Sudeste, mais industrializado, confere ao texto o subsídio necessário para reflexões sobre o uso da língua em diferentes espaços.

O artigo *As estratégias do entrevistador: análise da questão 102 do QFF em cinco capitais do Nordeste*, de autoria de Fabiane Cristina Altino e Reinaldo César Zanardi, analisa as estratégias do inquiridor para obter respostas válidas quanto à questão 102 do QFF (que apura as variações da palavra *questão*) do Atlas Linguístico do Brasil em cinco capitais do Nordeste e propõe percorrer o caminho metodológico para a obtenção do nome do referente que, embora seja do cotidiano e do vocabulário comum de falantes de português, encontra barreiras nas formulações da pergunta. A simplicidade da pergunta pode induzir o informante a pensar não ser esta a denominação buscada.

Em *O inquiridor e as dificuldades na obtenção de respostas para o Atlas Linguístico do Brasil: o caso de doído*, de Vanderci de Andrade Aguilera e Mariana Spagnolo Martins, novamente se discute a metodologia do Atlas Linguístico do Brasil, por meio da análise das respostas dadas à questão 138 do Questionário Fonético-Fonológico do ALiB nas capitais das Regiões Norte e Sul. Além disso, as autoras discutem as dificuldades e as estratégias encontradas pelos inquiridores na obtenção das respostas desejadas, tendo como pano de fundo o provável tabu linguístico que subjaz ao sentido da palavra.

O artigo *A galinha põe ou bota ovos? Respostas e não respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas – ALEAL*, de autoria de Maranúbia Pereira Barbosa Doiron, apresenta descrição e análise das abstenções e respostas não válidas que foram registradas pelos informantes do ALEAL a algumas perguntas do Questionário Fonético-Fonológico. Ao examinar as razões que levam os falantes a realizar as referidas ocorrências, o artigo pretende contribuir para uma interpretação acertada das informações obtidas e repensar as metodologias correntes, sempre tendo em vista a produção cartográfica, base da Geolinguística. O ALEAL, “gerado” na era pós-ALiB, contribui para o aprimoramento metodológico e testa, de certa forma, o legado científico do atlas nacional.

Retornando ao pensamento de Nascentes de que só saberemos conduzir uma entrevista depois de todos os inquéritos concluídos, o artigo *Contribuições do projeto Atlas*

*Linguístico do Brasil para a metodologia da pesquisa geolinguística: o papel do inquiridor*, assinado por Marcela Moura Torres Paim e Silvana Soares Costa Ribeiro, revisita os manuais da Dialetologia e apresenta aspectos relacionados aos procedimentos metodológicos nos inquéritos do Projeto ALiB, discutindo o papel do inquiridor durante a realização das entrevistas, com vistas a verificar as estratégias usadas para conseguir o dado desejado e resolver as dificuldades do entrevistador em obter determinadas respostas no momento da aplicação do questionário linguístico.

Por fim, a expectativa de continuidade dos trabalhos na área está impressa no artigo *A pesquisa geolinguística em áreas indígenas brasileiras: desafios e estratégias*, de Abdelhak Razky, Regis José da Cunha Guedes e Eliane Oliveira da Costa, que apresenta uma reflexão sobre questões teórico-metodológicas envolvidas no eixo de pesquisa Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI) do projeto GeoLinTerm desenvolvidos em duas IES – UFPA e UnB – e discute as adaptações necessárias realizadas na metodologia da pesquisa geolinguística para dar conta das características geossociolinguísticas das comunidades autóctones, objeto de estudos do ALiPAI.

Como palavras finais, cabe às organizadoras deste volume salientar as razões para o número reduzido de textos publicados: sua temática, o envolvimento nos projetos aqui citados e a ilusão de que já se falou tudo sobre a metodologia de coleta de dados. Pensamos que estamos no início desta jornada, sabemos bem mais do que sabíamos no começo do ainda projeto ALiB, mas sabemos muito pouco sobre a interação informante/inquiridor, sobre as potencialidades de um instrumento de coleta de dados e menos ainda sobre as tecnologias que podem auxiliar no registro dos dados. Em suma, estamos como Nascentes, aprendendo a cada inquérito, a cada leitura e a cada novo depoimento sobre o “paradoxo do observador”. Dessa forma, agradecemos aos autores que dividiram conosco suas experiências e aos avaliadores que contribuíram para que este volume acontecesse.

Desejamos uma boa leitura.

As Organizadoras